

OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES E O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA FORMA URBANA NAS CIDADES DE LIMEIRA, PIRACICABA E RIO CLARO.

OPEN SPACE SYSTEMS AND THE PROCESS OF PRODUCTION OF URBAN FORM IN CITIES OF LIMEIRA, PIRACICABA AND RIO CLARO.

Alessandra Natali Queiroz

Pesquisadora Grupo Requalificação Urbana e Profa. Dra. PUCCamp

email: alessandra.queiroz@puc-campinas.edu.br

Bárbara Sewaybricker Munhoz

Aluna do curso Arquitetura e Urbanismo, PUCCamp

email: barbara.smunhoz@gmail.com

Diego de Almeida Pereira

Aluno de Iniciação Científica, PUCCamp

email: diego.ap1@puccampinas.edu.br

Mariana Tealdi Sant'Anna

Aluna de Iniciação Científica PUCCamp

email: mariana.tsa@puccampinas.edu.br

Paula Pereira

Aluna de Iniciação Científica, PUCCamp

email: paula.p@puccampinas.edu.br

Robson Santos

Aluno do curso Arquitetura e Urbanismo, PUCCamp

email: robson.ss@puccampinas.edu.br

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo a compreensão das questões que envolvem os sistemas de espaços livres e a dinâmica de estruturação do espaço urbano na Região de Campinas, mais especificamente nas cidades de Limeira, Piracicaba e Rio Claro. Diante do processo de urbanização contemporânea, a realidade atual do tecido urbano brasileiro ainda é pouco conhecida. Em tais análises são fundamentais a constante discussão sobre as características do projeto e produção e a utilização dos espaços livres e edificados, por se relacionarem diretamente ao campo de atuação do arquiteto. Para isso é preciso ter um olhar que perceba as transformações ocorridas na cidade e as justaposições de processos sociais, econômicos, paisagísticos e ambientais que as produziram. No contexto geral da cidade, devemos contemplar estudos e análises que consigam compreender aspectos que vão além do que nos mostra o atual desenho do urbano.

ABSTRACT

The research aims to understand the issues that involving the open spaces systems and the dynamics of structuring of urban space in the Region of Campinas, more specifically in the cities of Limeira, Piracicaba and Rio Claro. Given the contemporary urbanization process, the current reality of the Brazilian urban tissue is still little known. In such analyses the constant discussion about the characteristics of the project and production and the use of open spaces and built ones are fundamental, because they relate directly to the field of work of the architect. For this there must be a look that realizes the transformations occurred in the city and the juxtapositions of social, economic, environmental and landscape processes that have produced them. In the general context of the city, we must contemplate studies and analyses that can understand aspects that go beyond what the current urban design shows us.

Palavras-chave: morfologia urbana, espaços livres, paisagem, Limeira, Piracicaba, Rio Claro.

Keywords: urban morphology, open spaces, landscape, Limeira, Piracicaba, Rio Claro.

INTRODUÇÃO: ABORDAGENS CONCEITUAIS

A pesquisa abordará como objeto de estudo os sistemas de espaços livres e a dinâmica de estruturação do espaço urbano na Região de Campinas, mais especificamente nas cidades de Limeira, Piracicaba e Rio Claro, pertencentes ao recém formado Aglomerado Urbano de Piracicaba¹.

Busca contribuir com a pesquisa acadêmica realizada pelo grupo de “Requalificação Urbana” da PUC-Campinas, intitulado “Os Sistemas de Espaços Livres na Constituição da Forma Urbana Contemporânea no Brasil: Produção e Apropriação QUAPÁ-SEL II” de caráter interinstitucional apresentada conjuntamente com o Laboratório QUAPÁ da FAU USP, local onde é sediada a pesquisa.

A análise do objeto de estudo, se realizará em nível local, sob diversos ângulos, passando pelas esferas técnicas, políticas, econômicas e socioambientais, condicionantes essenciais para sua compreensão. Também deve ser considerada uma compreensão das estruturas sociais e a interação destas no espaço.

Ressaltam-se os conceitos dos autores Solà-Morales i Rubyó, (1997), Rossi (1995), Campos Filho (1999), entre outros, sobre produção e consumo do espaço; as abordagens de Lamas (2007) que trata da forma da cidade e os níveis analíticos da paisagem propostos por Queiroga e Benfatti (2007)

Os estudos terão como um dos eixos principais de análise, as questões morfológicas do espaço, inseridas as de ordem histórica, social, ambiental, cultural, econômica e política de forma a se obter uma leitura do todo, através dos outros níveis particularizantes que o formam, como sugere Lamas, nos trechos a seguir:

“Todavia um primeiro grau de leitura da cidade é eminentemente físico-espacial e morfológico, portanto específico da arquitetura, e o único que permite evidenciar a diferença entre este ou outro espaço, entre esta ou aquela forma, e explicar as características de cada parte da cidade. A este se juntam outros níveis de leitura que revelam diferentes conteúdos (históricos, econômicos, sociais e outros). Mas esse conjunto de leituras só é possível porque a cidade existe como fato físico e material. Todos os instrumentos de leitura lêem o mesmo objeto – o espaço físico, a FORMA URBANA” (Lamas, 2007, p.31)

Entretanto compreender uma cidade é muito mais que estudar suas formas. Segundo Solà-Morales a “... construção da cidade, de uma parte da cidade, combina ao longo do tempo as distintas operações sobre o solo e a edificação, e a complexidade de seu resultado não é somente a repetição de tipos ou justaposições de tecidos, senão que expressa o processo encadeado em que as formas e os momentos construtivos se sucedem com ritmos próprios (...) um processo materializado em formas estáticas.” (Solà-Morales i Rubió, 1997, p.19, tradução nossa). Portanto é notória a relevância do estudo do conjunto de

regras que produziram os espaços urbanos. O passado fornece importantes pistas para a compreensão da cidade atual.

Nessa perspectiva, quando pensarmos nas transformações deveremos nos remeter ao estudo das forças que atuam na cidade, à forma que elas se aplicam e como sua aplicação produz mudanças diferenciadas.

Salientam-se ainda, as indagações sobre as inserções dos sistemas de espaços livres no território e o reconhecimento de suas propriedades, investigando-se o papel desempenhado quanto ao uso e apropriação.

Nesse sentido, o segundo eixo analítico da pesquisa permeia a compreensão da paisagem em amplo sentido, tornando-se juntamente ao eixo morfológico, um instrumento de compreensão dos processos de apropriação e transformação urbanos.

A paisagem ganha significado no planejamento, no projeto e na gestão de espaços livres, seja qual for sua escala (local ou regional), à medida que induz às práticas sociais. Portanto, além de ser produzida, ela também produz.

Os qualificadores e formadores das diferentes paisagens são as ações e o tempo (o agir em determinada periodicidade em que os fenômenos naturais também operam). Assim, apresentam-se diferentes estados da paisagem, dado que, no decorrer dos dias da semana, a leitura visual é diversa e dependente das práticas sociais ali presentesⁱⁱ.

A arquitetura é a ciência que lida com as transformações urbanas. Os conceitos de forma e paisagem são fundamentais para se compreender o meio em que vivemos, dando-nos oportunidade de nele interferir. Ambos os conceitos contemplam o meio físico, a materialidade, a história, o homem e suas ações. No primeiro, a análise acontece como se dissecássemos uma realidade a partir de uma fotografia. É estático, um dado material datado no tempo. Captura-se o instante com todas suas nuances. No segundo, a análise acontece como a do observador de um filme. Captura-se o movimento e a miríade de ações. É o espaço em constante transformação e mudanças instantâneas.

A FORMA E A PAISAGEM NAS CIDADES MÉDIAS

Limeira, Piracicaba e Rio Claro são consideradas cidades médias ou intermediáriasⁱⁱⁱ. Abrangem não somente a definição mais tradicional, que considera as características geográficas (dimensões e demografia), mas, sobretudo, os papéis de mediação que exercem em relação aos fluxos entre os territórios (urbano e rural) de suas influências ou, ainda, as intermediações que desempenham entre diversas instâncias espaciais (local, regional, nacional e global).

São cidades do interior paulista envolvidas pelo fenômeno da dispersão urbana^{iv}, possuindo uma população que adota modos de vida, mobilidade e consumo metropolitanos, “relações diárias intensas com seus vizinhos da área de Campinas” (REIS, 2006, p. 87).

As cidades médias vêm apresentando um maior crescimento urbano e econômico, por estarem incorporadas ao meio técnico-científico e mais próximas das grandes áreas metropolitanas, portanto, mais vulneráveis ao processo de expansão macrourbana. Nota-se um grande aumento populacional com origem na migração de pessoas de regiões próximas e de outros Estados em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Nessas cidades proliferam loteamentos e condomínios fechados, inseridos no tecido, embora alienados do conjunto, constituindo ilhas desconexas do entorno e tornando-se um modelo fechado que não interage com os demais a seu lado. Contam com vias de ligação ou “pontes de acesso” a locais específicos de interesse, denotando o surgimento de novos hábitos urbanos e formas de consumo, como o espaço do trabalho, o espaço das compras, o espaço do lazer, não necessariamente situados em âmbito municipal, mas dentro de um espaço geográfico alargado.

Contudo, esses modos de vida, mobilidade e consumo variam conforme o poder aquisitivo. Os deslocamentos aumentam à medida que sobe o nível de renda. São fatores que incentivaram a dispersão das habitações, nitidamente das classes de média e alta renda.

Já a carência ou a ineficiência do transporte público imobiliza as classes que dele dependem. Para os estratos mais pobres, a mobilidade cotidiana é reduzida à escala urbana, ou, no máximo, metropolitana.

O fenômeno da urbanização dispersa propiciado pelo uso dos automóveis, pela e-urbanização^v (a era da internet, da introspecção e da abolição da cidade) e pelo surgimento de novas centralidades, como shoppings centers e centros administrativos contribuem para a desqualificação dos centros históricos urbanos, local de origem dessas cidades.

São áreas onde se iniciaram as principais atividades econômicas, possuem grande valor histórico-cultural e de memória que passam por um processo de abandono, de esvaziamento e degradação.

Esse processo, nítido nas grandes cidades brasileiras, dá seu início nas cidades médias, fazendo com que o centro histórico tenha seu uso modificado, atraindo novos grupos sociais. O centro passa por processo de esvaziamento das habitações, tornando-se um lugar para trabalho.

Nessa perspectiva os centros históricos dessas três cidades serão objeto de pesquisa, considerando-se a história urbana; e a análise elementos morfológicos como o sistema viário, os edifícios, as construções, a arborização e os parques.

2.2. OS CAMINHOS DA PESQUISA: A ANÁLISE DE ELEMENTOS MORFOLÓGICOS E PROCESSOS HISTÓRICOS

Segundo Lamas (2007, p.22) para desenhar a cidade é preciso conhecer a morfologia urbana e a história da forma da cidade, sem estes conhecimentos o arquiteto se embasaria em práticas superficiais como vemos no excerto a seguir:

“(...) o desenho urbano exige um domínio profundo de duas áreas do conhecimento: o processo de formação da cidade, que é histórico cultural e que se interliga as formas utilizadas no passado mais ou menos longínquo, e que hoje estão disponíveis como materiais de trabalho do arquiteto urbanista, e a reflexão sobre a FORMA URBANA enquanto objetivo do urbanismo, ou melhor, corpo ou materialização da cidade capaz de determinar a vida humana em comunidade. Sem o profundo conhecimento da morfologia urbana e da história da forma urbana, arriscam-se os arquitetos a desenhar a cidade segundo praticas superficiais (...)”

Os elementos morfológicos do espaço urbano são componentes de uma cidade. A identificação de cada elemento morfológico tem sua devida importância para o estudo da forma urbana. Porém essa decomposição, como propõe Morin (1987), também decompõe sistemas, não como forma de reduzir a unidade complexa, mas para trabalhar a interrelação que liga a explicação das partes a do todo, onde um termo não se reduz ao outro.

O traçado das vias é um dos elementos mais claramente identificáveis em todas as escalas de estudo e são de extrema importância no estudo da forma urbana. As vias conformam diferentes redes e sistemas e têm o propósito de conectar áreas para diversas atividades, além de serem elementos importantes, que tratam das conexões ou trocas de caráter econômico, social, cultural ou ambiental entre as entidades urbanas.

Os edifícios e as construções são objetos que quando articulados com o espaço livre por eles definido formam a cidade. Nasce dessa organização uma obra de arte coletiva que exprimem uma qualidade estética, e, portanto objeto de grande relevância do estudo.

Assim com as construções, os parques também são elementos de composição das cidades. São tipologias de espaços livres de grande relevância e representam diferentes funções e conotações ao longo do tempo. Atendem tanto às atividades e necessidades humanas como reunião, convívio e encontro, quanto às questões ambientais.

Contudo, além dos elementos morfológicos vale ressaltar o processo histórico de formação e transformação das cidades. Como sugere Lamas (2007, p.111) *“o tempo é fundamental para compreender o território como objeto físico e também para posicionar a intervenção do arquiteto”*. A história urbana é uma ciência que estuda a vida da cidade e do homem nela inserido através do tempo, investigando o que foi feito, pensado e percebido quanto a aspectos urbanos, sociais, culturais e políticos. O conhecimento histórico de uma localidade ajuda na compreensão do espaço atual, do ambiente criado, e, portanto o entendimento de suas formas urbanas.

Ao analisarmos como foi e o que foi feito, conseguimos compreender e encontrar explicações lógicas para o que vemos hoje. Através do estudo do passado podemos ter uma visão mais apurada da dimensão do processo de desenvolvimento urbano, em seus vários períodos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas urbanas além de estarem associadas a concepções estéticas, culturais, ideológicas e arquitetônicas, também estão associadas a comportamentos, à utilização do espaço e à vida comunitária dos cidadãos, portanto influenciam constantemente a vida e bem estar do cidadão.

A pesquisa aproxima o olhar sobre a dinâmica de estruturação do espaço urbano, pode gerar novos conhecimentos sobre as cidades do interior paulista e ajudar a lançar caminhos para uma requalificação que traga vínculos dos cidadãos com a cidade.

A produção desse conhecimento nos permite pensar o desenvolvimento e a produção das cidades, na eterna tentativa de solucionar seus problemas. Embora transformadas e aperfeiçoadas, sempre surgem novos problemas e, com eles, a necessidade de novas propostas, produção de mais conhecimento sobre o novo fato urbano e sua problemática social, no processo de construção da cidadania.

A leitura e o estudo mais criteriosos podem apresentar uma base mais sólida às futuras intervenções projetuais mais condizentes à realidade local. Além de ler e estudar a cidade, o arquiteto possui instrumentos para nela intervir.

A prática da arquitetura está presente no edifício, na cidade, e em diferentes momentos e processos (plano e projeto), mediante a utilização do desenho. O arquiteto intervém nos diferentes níveis de produção do espaço e, por esse motivo, é tão essencial a discussão entre pesquisadores e profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERQUE, Augustine. Os rururbanos e a natureza. Le monde diplomatique Brasil de 04 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=146> Acesso em 13 mar. 2013

CAMPOS FILHO, Candido Malta. *Cidades Brasileiras: seu controle ou o caos*. São Paulo: Nobel, 1999.

LAMAS, J. M. R.G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2007.

MORIN, Edgar. *O método 1 : A natureza da Natureza*. Mem Martin: Europa-America, 1987.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; BENFATTI, Denio Munia. *Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico*. Paisagem e Ambiente - Ensaios, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAUUSP. n.24, p. 81-87, 2007

QUEIROZ, Alessandra Natali. *Limeira: produção social da cidade e do seu tecido urbano*. 2007. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. *Parque agroambiental em quadrilátero do interior paulista: uma estratégia de planejamento paisagístico ambiental*. 2012. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

REIS, Nestor Goulart. *Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SANFILEU, Carmem Bellet; TORNÉ, Josep Maria Llop. Miradas a otros espacios urbanos: La ciudades intermedias. Scripta Nova, Barcelona, Vol. VIII, núm. 165, maio de 2004. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-165.htm>> Acesso em: 23 jul. 2009

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SOLÀ-MORALES i RUBYÓ, Manuel. *Las formas de crecimiento urbano*. Barcelona: Editions UPC, 1997.

ⁱ A Lei Complementar Estadual nº 1.178, de 26 de Junho de 2012 cria a Aglomeração Urbana de Piracicaba–AU–Piracicaba e tem por objetivo o planejamento regional para o desenvolvimento socioeconômico e ambiental dos municípios que o envolvem.

ⁱⁱ Ver QUEIROGA, Eugenio Fernandes; BENFATTI, Denio Munia. Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico. Paisagem e Ambiente - Ensaio, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/FAUUSP. n.24, p. 81-87, 2007

ⁱⁱⁱ Na classificação de SANFILEU; TORNE (2004), o termo *ciudades intermediárias* define com maior precisão o importante papel que desempenham em âmbito regional.

^{iv} Esse processo para alguns, como Queiroga (2001), Reis (2006) e Sposito (2004), é denominado de dispersão urbana, enquanto que para outros, como Indovina (1990) e Munarin; Tosi (2001), de *cidade difusa*.

^v BERQUE, Augustine - Os rururbanos e a natureza. *Le monde diplomatique Brasil* de 04 de fevereiro de 2008. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=146&PHPSSESSID=1c600c9cdba67244676ea7f7398227ad>>. Acesso em 06 mar. 2011